

Por altura das festas natalícias é também tempo da revista *Páginas a&b* publicar o seu segundo número regular anual, cumprindo rigorosamente a periodicidade semestral, como tem de ser para se manter indexada nas diversas bases de dados em que já consta.

Este número inicia-se com um texto de lembrança do nosso colega e amigo Luís Cabral, que tristemente nos deixou neste ano de 2024. Bibliotecário competentíssimo, exerceu funções na Biblioteca Pública Municipal do Porto desde 1974, sendo Diretor desta instituição entre 1986 e 2000. Foi também autor de inúmeros textos importantes sobre bibliotecas portuguesas e outras temáticas da área da Ciência da Informação, bem como sobre temas culturais diversos, com particular realce para a música. Luís Cabral integrou a Comissão Científica e a Comissão de Redação de *Páginas a&b* desde 2001, além de ter colaborado como autor. O *In Memoriam* que Maria Luísa Cabral lhe dedica neste número, apesar de ser um texto de cunho pessoal, é simbolicamente a expressão do reconhecimento da direção da revista pela colaboração que nos deu durante mais de duas décadas.

Temos, como é habitual, um número muito diversificado, com colaborações de autores portugueses, do Brasil e do México, fazendo jus ao caráter lusófono e ibero-americano que é timbre da revista. Como vem acontecendo recorrentemente, também neste número os autores nacionais marcam uma presença tímida, o que não nos cansamos de assinalar, na esperança de motivarmos a comunidade portuguesa de Ciência da Informação a submeter os seus artigos, tanto de cariz científico como de cunho mais aplicado, que evidenciem o trabalho sério que se faz e que, muitas vezes, por inércia, fica silenciado.

No primeiro artigo deste número, Mata e Saldanha abordam um tema muito pouco estudado – a biobibliografia – fazendo incursões numa literatura muito vasta, problematizando a partir dela e procurando “aprofundar a pesquisa crítica epistemológico-histórica”.

Uma abordagem teórico-prática é-nos apresentada no texto de Silva, Pinto e Pajeú, no qual procuram aplicar a análise iconográfica de Erwin Panofsky ao conteúdo de capas de livros de ficção, utilizando um *software* específico para o efeito. Sem dúvida, uma perspetiva bastante original.

Ávila e Rendón Rojas analisam as origens, o significado e as releituras posteriores do “princípio da proveniência” em arquivos, numa revisão de literatura muito completa, que atravessa várias décadas e nos traz interpretações e reinterpretções do tema. Igualmente na vertente dos arquivos, Santos e Hedlund discutem “a relação entre cultura organizacional e gestão de documentos”, numa abordagem interdisciplinar com as Ciências da Administração e da Gestão. Ainda numa perspetiva organizacional, com enfoque no

marketing, situa-se o trabalho de Kotinski, que nos apresenta um modelo infocomunicacional para avaliação de *posts* nas redes sociais, estudo que resulta da sua tese de doutoramento.

O foco nas organizações é igualmente objeto do estudo de Soares, que traça a evolução orgânico-funcional, ao longo de várias décadas, de um organismo de investigação científica – o Laboratório Nacional de Engenharia Civil (Lisboa) –, análise essencial para se compreender a produção informacional da instituição, devidamente contextualizada sistemicamente. De seguida, Silva, Korobinski e Hino debruçam-se sobre as instituições de ensino superior e a problemática da gestão e preservação da sua memória. E, ainda no âmbito académico, temos o trabalho de Fernández Marcial, González Solar e Leite, que analisam em pormenor o impacto e a visibilidade das revistas científicas da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, identificando indicadores de qualidade e aspetos passíveis de melhoria, propondo inclusivamente ações para incrementar o reconhecimento científico dos periódicos analisados.

O texto de Medina, Costa e Silva traz-nos um tema da maior importância, a que nem sempre é dada muita atenção, o qual se traduz num relato da experiência vivenciada pela equipa da Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo (Brasil) no Laboratório de Acessibilidade Informacional e Inclusão, face aos desafios da acessibilidade informacional para deficientes visuais. Por outro lado, Pavarina aborda uma temática igualmente pouco comum (a biblioterapia), ou seja, a aplicação da “medicina gráfica” para fins terapêuticos, recorrendo a obras de banda desenhada (“histórias em quadrinhos”) como instrumento motivador dos pacientes.

A concluir, uma revisão de Silva, que nos apresenta criticamente o livro de Jean Voutsás-Márquez, professor na Universidade Nacional Autónoma do México, que defende a convergência entre Bibliotecas, Arquivos e Museus, numa visão integrada, oposta à compartimentação e isolamento que é apanágio da postura tradicional da Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia.

Mesmo em cima do Natal, resta-me desejar a todos os nossos leitores umas Festas Felizes, um novo ano com muita saúde e paz e, como sempre, boas leituras!

Fernanda Ribeiro